

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16247 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

ENTRE FIOS E HISTÓRIAS: LEGADO COLONIAL NOS COTIDIANOS DE FAMÍLIAS INTER-RACIAIS

Liana Barcelos Porto - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Cristhianny Bento Barreiro - IFSUL - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO GRANDENSE

Eduardo Garralaga Melgar Junior - Prefeitura Municipal de Pelotas

ENTRE FIOS E HISTÓRIAS: LEGADO COLONIAL NOS COTIDIANOS DE FAMÍLIAS INTER-RACIAIS

RESUMO: Com base em uma pesquisa qualitativa que utilizou narrativas como método e instrumento de investigação, este artigo investiga os impactos da colonialidade nas cotidianidades de famílias inter-raciais, no sul do Rio Grande do Sul. As narrativas produzidas foram submetidas a um processo interpretativo, detalhado de composição de sentidos para compreensão de suas experiências. Da análise, emergiram doze conceitos, a partir dos quais foram selecionadas três linhas condutoras que orientaram as redes interpretativas. Essas linhas guiaram a composição de sentidos das experiências narrativas, resultando em textos de campo, textos intermediários e, posteriormente, no texto final da pesquisa. Eles deram conta de destacar a importância de reflexão crítica das vivências, proporcionando uma compreensão mais profunda de como as experiências nas famílias pesquisadas foram influenciadas pela Colonialidade. Ao evidenciar essas dinâmicas, o estudo contribuiu para uma discussão mais ampla sobre a intersecção entre colonialidade, relações inter-raciais e identidade racial.

PALAVRAS-CHAVE: Família Inter-racial. Colonialidade. Pesquisa Narrativa. Cotidianos.

Com mais de 300 anos, o Brasil foi o último país ocidental a abolir oficialmente a escravização de povos africanos e afro-brasileiros. Passados 136 anos, a história do país é marcada pela manutenção do racismo estrutural e cotidiano, que se reflete em inúmeras práticas discriminatórias nas mais diferentes dimensões da sociedade.

Segundo Guimarães (1999), a categoria racismo remete fundamentalmente a três eixos: 1) à concepção biológica de raças; 2) distinção de tratamento mediadas pela raça; e c) desigualdade social entre as raças. Nessa direção, as raças podem ser compreendidas, ainda segundo o autor, como categorias socioculturais, eficazes na construção, manutenção e reprodução das diferenças e privilégios entre indivíduos. Portanto, o racismo pode ser compreendido como a uma crença essencialista que busca, na natureza das existências, a diferença entre as pessoas, produzindo processos de hierarquização, exclusão social e discriminação. Nesse quadro, dentre várias outras formas, ocorrem mediados de práticas implícitas, a exemplo do preconceito, ou explícitos, como a restrição de acessos e direitos de

indivíduos negros/as e indígenas.

Nesse sentido, a discriminação pode ser entendida como um conjunto de ações que, dentre outros vetores, busca impedir e/ou alijar a garantia e o acesso a direitos individuais e sociais de determinados coletivos ou indivíduos, devido as características e/ou pertencimento. Assim, ela tem componentes cognitivos (estereótipos), afetivos (repulsa) e comportamentais (discriminação) que orientam os modos de perceber, agir, interagir e pensar socialmente, estratificando indivíduos e perpetuando o privilégio da branquitude (Guimarães, 1999).

O racismo está tão presente nas estruturas brasileiras que se revela, inclusive, nas relações mais íntimas exemplificadas nos cotidianos, a exemplo das famílias. Compreendemos que elas, independente de suas configurações, se constituem enquanto importante espaço de troca e vivências afetivas, sendo o primeiro núcleo de socialidade e de possível laço mediador entre o indivíduo e a sociedade.

Destacamos que esses marcadores e hierarquias, mediados pela racialidade, foram construídos pela colonialidade e são entendidos aqui como impostos pela lógica eurocêntrica, que demarca, a partir das teorias racistas, como devem ser e estar os indivíduos marcados pela negritude. Guimarães (1999) destaca que as teorias raciais tiveram as suas origens na Europa, em períodos histórico-sociais, profundamente marcados pela expansão ultramarina de territórios. Para garantir as suas estruturas, foi necessário a criação e justificativa de processos de escravização dos povos, a exemplo de africanos e indígenas.

A colonização de territórios ultramarinos e a formação da lógica capitalista por meio da diferenciação racial da humanidade, ancorados em critérios eurocêntricos, foi a base cultural, política e social do Brasil. Alicerçada na existência de uma raça branca europeia, marcada pela superioridade intelectual, civilizatória e física e na existência inferior de indivíduos constituídos como perigos ao patrimônio biológico (Schucman, 2018), o racismo voltou-se essencialmente aos africanos, afro-brasileiros e indígenas e esteve no núcleo da formação da brasilidade.

A colonialidade envolve as relações de poder que emergiram no contexto de colonialismo europeu na Ásia, África e América. Seus efeitos não se limitam a esse período histórico de domínio imperial, eles encontram-se nas dimensões físico-psicológicas de subalternidades epistêmicas e racistas no Ocidente. Não obstante, o término do tempo histórico de regime colonialista, seus efeitos permanecem presentes nos modos como são projetados e concebidos os conhecimentos. A colonialidade é parte constitutiva da Modernidade e determina a subalternidade e a dependência (Mignolo, 2003).

A partir desse cenário, este trabalho constitui-se como um recorte de uma pesquisa de doutoramento. Por meio das narrativas produzidas pelas experiências compartilhadas entre pesquisadores e participantes-autores/as da pesquisa, fomos compondo sentidos a questões raciais narradas, que atravessaram o cotidiano de pessoas que compõem famílias inter-raciais no sul do Rio Grande do Sul. Nessa direção, nos interessava interrogar as histórias de pessoas

que compõem famílias inter-raciais, buscando a compreensão da forma como elas configuram e experimentam os significados em torno da categoria raça e afeto. Para tanto, essa investigação orientou-se pelas premissas teórico-metodológicas da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015).

Os/as participantes deste trabalho foram pessoas que se autodeclararam pertencentes a uma família inter-racial, composta por pessoas negras e brancas. Institui-se como material do campo, os textos, ou seja, as transcrições das conversas e experiências produzidas com os/as participantes por meio de aplicativos de conversas instantâneas (*WhatsApp*) e, presencialmente, por meio de conversas mediadas pelas experiências marcadas pela racialidade. Além desses expedientes, nos valem também das notas de campo produzidas ao longo da pesquisa. Os/as participantes não receberam um padrão/modelo para a realização do compartilhamento das suas experiências afetivo-familiares, eles/as foram convidados/as a narrar suas trajetórias familiares do modo como se sentissem mais confortáveis: texto, áudio e/ou imagens. Esse movimento relacional entre os/as participantes e pesquisadora, foi entreposto pela representação do espaço tridimensional (temporalidade, sociabilidade e lugar), conforme Clandinin e Connelly (2015).

Mediante a composição de sentidos das narrativas, que é fundamentada em um processo analítico-interpretativo das narrativas (Ely, *et.al.*, 2005), aconteceu a transição dos textos de campo para textos intermediários e, posteriormente, para o texto de pesquisa. Ao adotar a proposição metodológica das narrativas, é válido salientar que tivemos a necessidade de se debruçar sobre o que nos foi mais caro, a compreensão do fenômeno da experiência. Amparados pelas premissas de Clandinin e Connelly (2015), para quem a narrativa surge da experiência e acaba retornando a ela no movimento espiral de viver, contar, recontar e reviver, esta pesquisa teve o seu começo pelo fenômeno da experiência.

Desse modo, foram realizados dois encontros narrativos com cada um/a dos/as participantes-autores/as, os relatos foram impactantes e potentes. Nas experiências narrativas apareceram pontos em comum, tais como a presença do debate e hierarquia racial; a leitura das sequelas do colonialismo (colonialidade); predomínio dos privilégios da branquitude e a referência dos marcadores brancos na idealização das experiências afetivo-familiares e/ou afetivo-sexuais. Visando manter o anonimato dos/as participantes-autores/as, sugerimos que estes/as escolhessem como gostariam de ser nomeados na pesquisa, incentivamos a homenagem a pessoas negras ou pessoas brancas engajadas na luta antirracista, de modo que eles(as) escolheram ser nomeados(as) como: *Manuela D'Ávila*, *Zumbi dos Palmares*, *Angela Davis*, *Luiz Gama*, *Emicida* e *Marighella*.

Os atravessamentos que emergiram das experiências narrativas foram sendo trabalhados no processo de composição de sentidos (Ely, 2005; Protásio, 2023) e para esse exercício interpretativo, foram fundamentais as leituras de Fanon (2008), hooks (2020), Lorde (1977) e Schucman (2018). Destacamos que desse processo analítico das narrativas, foram percebidos 12 fios-conceitos, que se originaram dos retalhos narrativos dos/as participantes-

autores/as. Esses fios foram estética/beleza, amor romântico, violência/opressão, hipersexualização do corpo negro, política do embranquecimento/branqueamento, racismo de marca/fenótipo, colonialidade do ser, hierarquia racial, letramento racial, branquitude, colonização do imaginário e afrocentrismo.

Dessa forma, com esses 12 fios-conceitos e em movimentos de questionamentos e de contemplação de todos os materiais construídos no campo, compomos três linhas condutoras das análises, nomeadas como pulando a corda da aceitação, negociando “moreno/a” e a afrocêntrica. Essas linhas se movimentaram por entre os retalhos-narrativos dos/as participantes e foram conduzindo os processos de composição de sentidos das narrativas desta escrita. Enfatizamos que desse processo de composição de sentidos, foi possível perceber como os marcadores da colonialidade se enredam e envolvem as dinâmicas afetivo-familiares inter-raciais desses/as participantes-autores/as. O racismo é um desses marcadores coloniais, que atravessa as vivências cotidianas desses indivíduos, em suas experiências culturais e sociais, com suas famílias inter-raciais. Ele apareceu de forma violenta mesmo quando o tema da conversa era marcado pelo zelo e afeto. Em outras palavras, as famílias inter-raciais viveram com a hiper-exigência de comportamentos adequados às moralidades judaico-cristãs e com o fantasma da erotização, recreação ou infantilização de pessoas negras.

Podemos perceber ainda que vários outros processos violentos são protagonizados pela branquitude. Nessa direção, *Manuela*, *Zumbi* e *Luiz Gama* corroboram com Fanon (2008), sobre a questão do fenótipo na racialização e situação dos indivíduos no mercado dos afetos e socialidades. Para o casal, no geral, a busca do embranquecimento e da negação da negritude, se constitui como uma tática incentivada para a sobrevivência, frente a uma cultura enraizada no predomínio da branquitude. *Emicida* e *Marighella* trouxeram a aridez da conduta de suas mães brancas, tentando retirar à força, por meio de banhos, escovão, simpatias e maquiagem, a cor de suas peles, o que se alinha como aquilo que nos descreveu Schwarcz (1993) em seus escritos. Não diferente das experiências já narradas, *Angela* alerta para o genocídio simbólico e a falta de referências negras nos espaços de poder, e *Marighella* ressalta a potência da cultura e, principalmente, da música, para ajudar a pensar as desigualdades sociais e raciais. Ele busca nessas expressões, os elementos necessários à autoestima.

Contemporaneamente, a realidade brasileira e sul-rio-grandense manifesta uma ampla variedade de configurações familiares e os seus entendimentos são fundamentais para pensarmos o quanto nossas relações ainda estão mediadas pela Colonialidade. Destacamos ainda que temas como luta, resistência, engajamento, letramento racial, antirracismo, consciência de classe, dentre outros, podem ser temas/disparadores para que famílias inter-raciais, se posicionem criticamente, olhem para suas vivências afetivo-familiares e construam juntos novas formas de ser e estar no mundo. Assim, interrogar as categorias família e racialidade, exige a análise de redes complexas sobre as quais atuam diversas forças que interseccionam suas configurações.

Parafraseando Mignolo (2003), trata-se de pluriversalizar os modos de produção de conhecimento decolonial até ao ponto de entender a lógica colonial e subalternizadora da racialidade. Embora exista uma quantidade significativa de estudos brasileiros sobre as relações familiares e a socialização das crianças, poucos têm o recorte racial, isto é, ainda são escassos os estudos sobre as dinâmicas familiares e relações raciais (Schucman e Fachim, 2016). A afirmação é reiterada por Lima (2020), que também aponta a lacuna de pesquisa empírica sobre racismo no Brasil. Segundo o autor, apenas 9 dos 82 (11%) artigos analisados sobre família, tiveram a preocupação em interseccionar as categorias. Tomás (2016) destaca que, dentre aqueles cujo objetivo era analisar as relações raciais no seio familiar, verificou-se uma predominância de estudos sobre casamentos inter-raciais, diferenças socioeconômicas entre famílias chefiadas por pessoas negras e brancas e a relação família-escola, ou seja, nosso conhecimento a respeito do processo de socialização e estigma no seio da família ainda é escasso. Sendo assim, salientamos a relevância e a urgência de novas e outras pesquisas decoloniais, que convidem a refletir sobre maneiras diversas de pesquisar, conceber família, ser docente, ser humano. Um manifesto propositivo em defesa de costuras coletivas, um enlaçar-se em perspectivas decoloniais, para conseguirmos ir abrindo rasgos de esperança e equidade enquanto uma prática anticolonialista.

REFERÊNCIAS

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015

ELY, Margot *et al.* **On writing qualitative research: living by words**. London and Philadelphia: Routledge Falmer, 2005.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade Negra e Pensamento Afro-Diaspórico**. Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 2018.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

LORDE, A. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977. **Portal Gelédes**, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MIGNOLO, W. **Histórias globais projetos locais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. Barcelona: Editora Planeta, 2023.

PROTÁSIO, M. Compondo vidas na universidade federal: uma pesquisa narrativa com ex-coordenadoras de licenciaturas das áreas de ciências da natureza. 2023. 295f. **Tese (Doutorado em Educação em Ciências)**. Universidade Federal do Rio Grande, 2023. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/btdt/91dad0074de0ae9a9d72abafd90b6a_6.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

SCHUCMAN, L. V. **Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.